

do mais elementar das duas esferas indica que há coisas que devem ser ocultadas e outras que necessitam ser expostas em público para que possam adquirir alguma forma de existência. Se examinarmos essas coisas, independentemente de onde as encontramos em qualquer civilização, veremos que cada atividade humana converge para a sua localização adequada no mundo. Isto se aplica às principais atividades da *vita activa* — labor, trabalho e ação; mas existe um exemplo, reconhecidamente extremo, deste fenômeno cuja vantagem para a ilustração é que desempenhou papel considerável na teoria política.

A bondade num estilo absoluto, em contraposição à «utilidade» ou à «excelência» na antiguidade greco-romana, tornou-se conhecida em nossa civilização somente com o advento do cristianismo. Desde então, sabemos que as boas obras são uma importante variedade entre as ações humanas possíveis. O notório antagonismo entre o cristianismo e a *res publica* — tão admiravelmente resumido na fórmula de Tertuliano: *nec ulla magis res aliena quam publica* («nada nos é mais alheio que o que tem importância pública») ⁸¹ — é, de modo geral o correto, visto como consequência de antigas expectativas escatológicas, cuja importância imediata somente se perdeu depois que a experiência demonstrou que nem mesmo a queda do Império Romano significava o fim do mundo. ⁸² Contudo, o caráter extraterreno do cristianismo tem ainda outra raiz, talvez ainda mais intimamente relacionada com os ensinamentos de Jesus de Nazaré, e de qualquer forma tão independente da crença na perecibilidade do mundo que temos a tentação de ver nela a verdadeira razão interior pela qual a alienação cristã em relação ao mundo pôde sobreviver tão facilmente à óbvia frustração de suas esperanças escatológicas.

A única atividade que Jesus ensinou, por palavras e atos, foi a atividade da bondade; e a bondade contém, obviamente, certa tendência de evitar ser vista e ouvida. A hostilidade cristã em relação à esfera pública, a tendência que tinham pelo menos os primeiros cristãos de levar uma vida o mais possível afastada da esfera públi-

81. Tertuliano, *op.cit.* 38.

82. Esta diferença de experiência talvez explique, em parte, a diferença entre a grande sanidade de Agostinho e a terrível concretude da noção tertuliana de política. Ambos eram romanos e profundamente formados pela vida política de Roma.

Bom - Mau ?

ca, pode também ser entendida como consequência evidente da devoção às boas obras, independentemente de qualquer crença ou expectativa. Pois é claro que, no instante em que uma boa obra se torna pública e conhecida, perde o seu caráter específico de bondade, de não ter sido feita por outro motivo além do amor à bondade. Quando a bondade se mostra abertamente já não é bondade, embora possa ainda ser útil como caridade organizada ou como ato de solidariedade. Daí: «Não des tuas esmolas perante os homens, para seres visto por eles». A bondade só pode existir quando não é percebida, nem mesmo por aquele que a faz; quem quer que se veja a si mesmo no ato de fazer uma boa obra deixa de ser bom; será, no máximo, um membro útil da sociedade ou zeloso membro da Igreja. Daí: «Que a tua mão esquerda não saiba o que faz a tua mão direita».

Talvez seja esta curiosa qualidade negativa da bondade, a ausência do fenômeno visível da aparência, o que torna o surgimento de Jesus de Nazaré na história um evento tão profundamente paradoxal; certamente parece ser por isto que ele pensava e ensinava que nenhum homem pode ser bom: «Por que me chamais de bom? Ninguém é bom a não ser um, isto é, Deus». ⁸³ A mesma convicção surge na história talmúdica dos trinta e seis homens justos, em atenção aos quais Deus salva o mundo, e que também não são conhecidos de ninguém, muito menos de si mesmos. Isto nos lembra a grande visão de Sócrates de que nenhum homem pode ser sábio, de onde resulta o amor à sabedoria, ou filo-sofia; toda a vida de Jesus parece atestar que o amor à bondade resulta da compreensão de que nenhum homem pode ser bom.

O amor à sabedoria e o amor à bondade, que se resolvem nas atividades de filosofar e de praticar boas ações, têm em comum o fato de que cessam imediatamente — cancelam-se, por assim dizer — sempre que se presume que o homem pode ser sábio ou ser bom. Sempre houve tentativas de dar vida ao que jamais pode sobreviver ao momento fugaz do próprio ato, e todas elas sempre levaram ao absurdo. Os filósofos dos últimos anos da antiguidade,

83. Lucas 8:19. O mesmo pensamento ocorre em Mateus 6:1-18, onde Jesus adverte contra a hipocrisia, contra a exibição pública da devoção. A devoção não pode «ser vista dos homens», mas somente de Deus, que «vê em secreto». É verdade que Deus «dará a paga» ao homem, mas não, como diz a tradução clássica, «abertamente». A palavra alemã *Scheinheiligkeit* expressa muito adequadamente esse fenômeno religioso, no qual a mera ostentação já é hipocrisia.